

XELB 9

Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve
O Gharb no al-Andalus: sínteses e perspectivas de estudo
Homenagem a José Luís de Matos
(Silves, 23, 24 e 25 de Outubro 2008)

A dark, monochromatic photograph of a hillside town. The town is built on a slope, with several buildings visible. At the top of the hill, a large, multi-towered castle or fortress is visible. The foreground is dominated by a dense, dark forest. The overall tone is dark and atmospheric.

.XXV

O Castelo de Silves –
Contributos da investigação recente

Rosa Varela Gomes*

Resumo

A primeira intervenção arqueológica que se realizou no Castelo de Silves ocorreu em 1984, a que se seguiram outras até 2001, sempre integradas em distintos projectos de investigação, em continuidade e da nossa inteira responsabilidade. Aquelas, circunscritas ao sector nascente do Castelo, totalizaram cerca de dois anos de trabalhos de campo, dado que se tratava de campanhas que não ultrapassavam os 30 dias anuais.

Com a implementação, pela Câmara Municipal de Silves, de projecto de musealização do Castelo, no âmbito do Programa Polis, prosseguimos os trabalhos arqueológicos naquele local, entre 2003 e 2007. Estes decorreram de modo distinto dos primeiros, dado que se efectuou, apenas, o acompanhamento da obra referida, embora em grande parte da área interior do Castelo.

Apresentamos, em síntese, os resultados de tais trabalhos, dado que as últimas intervenções permitiram confirmar a muito significativa sucessão estratigráfica anteriormente reconhecida, pôr à vista testemunhos dos mais antigos dispositivos defensivos ali erguidos e outras estruturas, designadamente restos da alcaidaria e de engenho de açúcar a ela anexo, como verificar sobreposições de áreas palatinas ou exumar diversificado espólio em contextos arqueológicos precisos, alguns destes datados por 14C.

Abstract

The first archaeological intervention carried out in Silves Castle took place in 1984. This was followed by others, always integrated within different research projects, which continued the work until 2001 and for which we held full responsibility. These interventions were limited to the eastern sector of the Castle and corresponded in total to about two years field work as the campaigns never lasted more than 30 days a year.

The Castle musealisation project implemented by Silves Town Council and carried out under the Polis Programme allowed us to continue the archaeological work in that locale between 2003 and 2007. This was done in a different way to the earlier interventions since we only accompanied the work in progress although it covered a large part of the interior area of the Castle.

We present here a summary of the results of this work given that the last few interventions enabled us to confirm the very significant, stratigraphic succession that had previously been recognised, to uncover traces of the oldest defences that had been erected there as well as other structures, notably the remains of the *alcaidaria* (Alcaide's house) and the adjoining sugar mill, to verify superpositions of palatine areas and to excavate diverse finds in specific archaeological contexts, some of which were dated by carbon-14.

* Universidade Nova de Lisboa, F.C.S.H., Departamento de História, Av. de Berna, 26-C, 1069-061 Lisboa, Portugal.
(rv.gomes@fcsh.unl.pt)

1. Introdução

O Castelo de Silves, além de ser o melhor conservado e mais importante dispositivo defensivo do *Gharb al-Andalus*, é tido, ainda hoje, como o *ex-libris* da cidade que foi capital do Algarve (Fig. 1).

As escavações arqueológicas, efectuadas entre 1984 e 2001, estiveram sempre condicionadas, por aspectos de ordem prática, pois o Castelo era muito visitado, e de carácter económico, só sendo possíveis graças a subsídios atribuídos por várias instituições; das quais cumpre destacar a Fundação

Calouste Gulbenkian, o Ministério da Cultura e, especialmente, a Câmara Municipal de Silves, devido ao interesse que por elas sempre manifestaram, ao longo dos anos, os seus Presidentes.

De tais trabalhos resultaram exposições temporárias, patentes quer no Salão Nobre dos Paços do Concelho, quer na então Biblioteca Municipal e, permanente, no Museu Municipal de Arqueologia de Silves, tal como vários artigos, dois livros monográficos e catálogo de mostra realizada, em 2001, no Museu Nacional de Arqueologia, permitindo divulgar, nacional e internacionalmente, o Castelo de Silves e os testemunhos arqueológicos que, ao longo dos anos, ali foram postos à vista, assim como as conclusões alcançadas pelo seu estudo (Gomes, M.V. e Gomes, R.V., 2000: 249-261; Gomes, R.V., 1988: 294; Gomes, R.V., 1989: 27-37; Gomes, R.V., 1990: 137-151; Gomes, R.V., 1991: 13-39; Gomes, R.V., 1991a: 387-404; Gomes, R.V., 1993: 79-83; Gomes, R.V., 1993a: 27-54; Gomes, R.V., 1994: 157-160; Gomes, R.V., 1995: 21-34; Gomes, R.V., 1995a: 287-296; Gomes, R.V., 1995b: 306-311; Gomes, R.V., 1997: 249-267; Gomes, R.V., 1998: 133-142; Gomes, R.V., 1998a: 43-55; Gomes, R.V., 1999: 1750; Gomes, R.V., 2002; Gomes,



Fig. 1 – Vista da cidade de Silves (foto Mário Varela Gomes).

R.V., 2002a: 203-220; Gomes, R.V., 2002b: 93-118; Gomes, R.V., 2002c: 325-336; Gomes, R.V., 2003; Gomes, R.V., 2006; Gomes, R.V., 2008: 47-60; Gomes, R.V. e Cunha, A.S., 1991: 29-37; Gomes, R.V. e Cunha, A.S., 1991a: 151-165; Gomes, R.V. e Cunha, A.S. e Antunes, M.T., 1994: 203-212; Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 1990: 59-66; Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 1992: 287-295; Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 1997: 141-150; Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 2000: 129-150; Gomes, R.V. e Gomes, M.V., 2001). Também algumas peças exumadas no Castelo têm sido incluídas em não poucas exposições de âmbito nacional ou no estrangeiro, designadamente em Lisboa, Sevilha e Paris.

Com a implementação, pela Câmara Municipal de Silves, de projecto de musealização do Castelo da cidade, no âmbito do Programa Polis, prosseguimos as intervenções naquele local, entre 2003 e 2007, mas de modo distinto dado que se efectuou, apenas, o acompanhamento arqueológico da obra em curso. Este aspecto implicou diferente metodologia, pois os trabalhos arqueológicos estiveram condicionados ao projecto mencionado, impedindo-nos, por isso, devido a falta de meios e para não atrasar a obra, de investigar, tanto em área como em profundidade, importantes zonas que, pela força das circunstâncias, irão ficar, por ora, em reserva arqueológica. Encontram-se nesta situação os testemunhos dos níveis mais antigos, sector de palácio do século XI ou, mesmo, a alcaidaria, das Idades Média e Moderna.

A orientação do acompanhamento arqueológico só foi possível graças à excelente colaboração de nossos ex-alunos da F.C.S.H. da U.N.L., que estiveram, em permanência, no campo e, em particular, das Dr^{as} Carla Estrela e Sónia Ferreira, da empresa AES Arqueologia.

2. Intervenções arqueológicas - Campanhas de 1984 a 2001

Os trabalhos efectuados no interior do Castelo de Silves permitiram-nos constatar que, apesar daquele ter sofrido várias obras de restauro ao longo dos anos, mantém, quase integralmente, o perímetro muçulmano que apresentaria, nos finais do século XII ou nos inícios da centúria seguinte.

As escavações mencionadas mostraram que o local onde hoje se ergue o Castelo de Silves teria tido recuada ocupação islâmica. Esta, encontra-se documentada através de raro conjunto de cerâmicas importadas, do Médio Oriente, exumadas em nível arqueológico cuja cronologia, tanto relativa como absoluta, indica corresponder a pleno século VIII ou aos inícios da centúria seguinte (Gomes, 1995: 21-31).

Sobre a camada de ocupação referida, identificámos outras, denunciadas através de restos de estruturas, de pisos e de espólios diversos mas, também, por algumas construções bem conservadas, constituindo longa série estratigráfica, datada entre o século VIII e o século XIII.

Verificámos que os testemunhos melhor conservados do Castelo de Silves foram construídos durante o período compreendido entre a sua tomada muçulmana, em 1191, e a conquista definitiva, em 1248, pelos cristãos. Daquele período datam as grandes campanhas de obras realizadas no dispositivo defensivo e em, pelo menos, dois palácios.

Também naquele momento foi edificada a monumental cisterna (*aljibe*), com capacidade para armazenar mais de 1 300 000 litros de água, sendo capaz de abastecer cerca de 1 200 pessoas durante um ano, além de mais duas pequenas cisternas. Acresce a este equipamento, profundo poço conhecido por Cisterna dos Cães, cuja água era captada através de nora, conforme demonstram restos de estruturas ainda ali existentes e os alcatruzes exumados, tanto no seu interior como nas proximidades. Três enormes silos permitiam conservar 132 000 kg de cereais, possibilitando o provimento daquele alimento essencial, pelo menos durante um ano, a seiscentas pessoas. O acompanhamento das obras mencionadas conduziu à descoberta de novos silos, alguns também de grandes dimensões.

Um dos palácios identificados desenvolvia-se paralelamente à muralha nascente e o acesso ao seu interior efectuava-se através de rua, vinda da porta da alcáçova e delimitada, no lado poente, pelo seu palácio principal. Aquela via dava acesso a entrada, em corredor, permitindo aceder a compartimento anexo, possível armazém, a torre rectangular que

se encontra adossada à muralha, como penetrar no vestíbulo do palácio (Fig. 2).

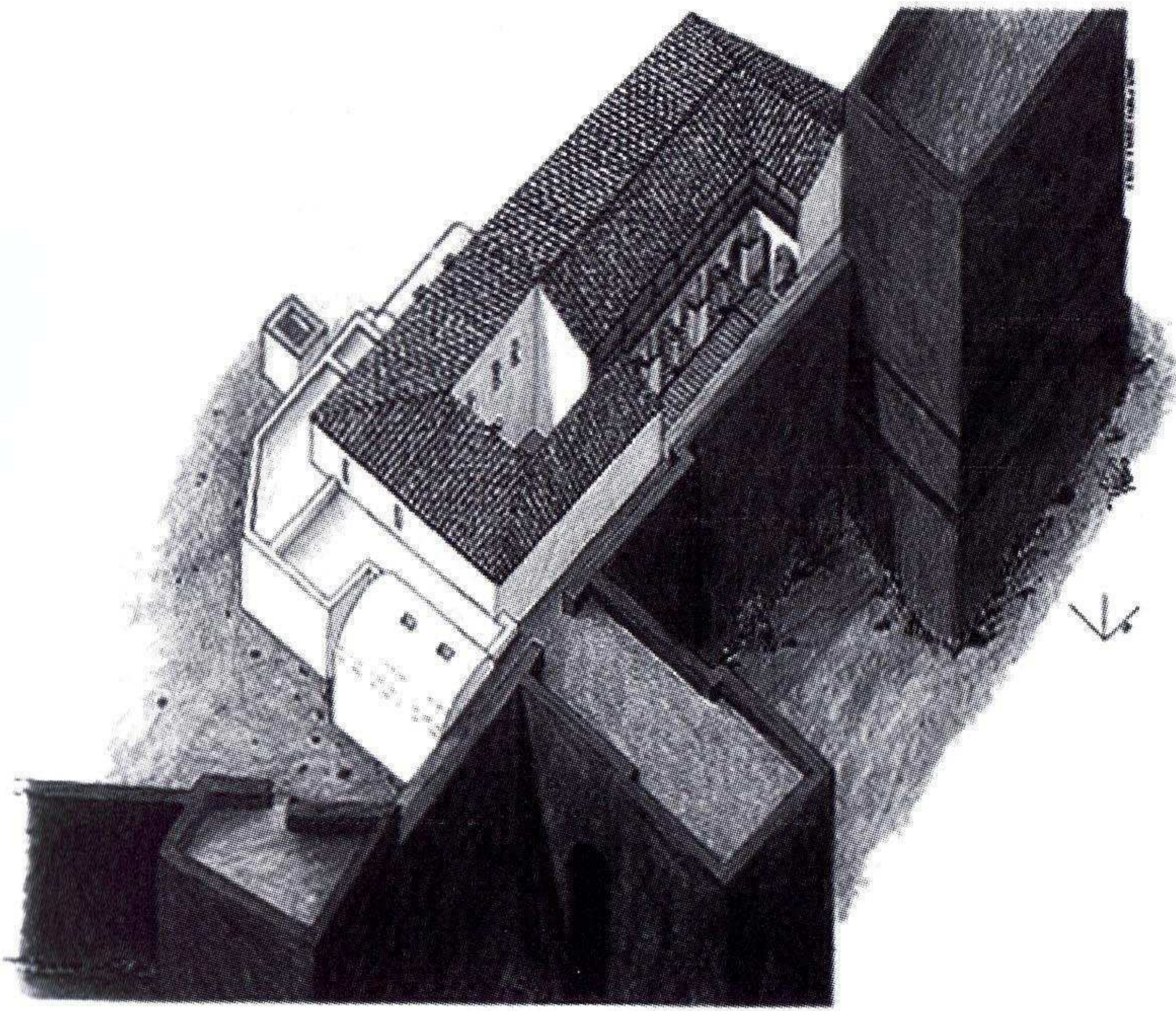


Fig. 2 – Castelo de Silves – Reconstituição gráfica do palácio almóada (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

Do vestíbulo passava-se, através de duas portas descentradas, de modo a melhor oferecer privacidade e segurança, a amplo pátio, provido de zona porticada, com três arcos duplos, assentes em colunas. As arcarias geminadas, de recorte polilobulado, eram decoradas com estuques, incisos e pintados, exibindo motivos de carácter geométrico e fitomórfico, tal como acontecia com outros vãos existentes no mesmo espaço.

Os pavimentos do pátio e da zona porticada, apresentavam ladrilhos cerâmicos, embora primitivamente algumas áreas fossem revestidas por lajes de mármore.

A partir do pátio mencionado, podia-se entrar, através de pórtico provido de arco duplo, decorado com estuques, no salão principal da casa, mas também em instalação sanitária, na escada que permitia alcançar um piso superior, tal como através de porta, a jardim, que constituía o centro da zona mais reservada do palácio. O duplo arco assentava em ábaco que encimava bonito capitel de mármore (mostrando dupla coroa de folhas de acanto, coroada por toro com quatro volutas) e era suportado por coluna naquele mesmo material.

Para além da passagem para o grande pátio, cinco vãos ligavam o jardim a grande salão,

possivelmente o serralho, a complexo de banhos aquecidos através de sistema de hipocausto, a cozinha e a pequeno compartimento, talvez despensa.

A organização dos espaços, da edificação que temos vindo a descrever, revela estruturação subdividida em grandes sectores, um semi-privado ou de representação, onde se recebiam visitas e convivas, com o seu pátio porticado e grande salão, profusamente decorados e prestigiantes, e o sector estritamente privado (*harem*), com jardim, em torno do qual se desenvolviam diferentes compartimentos, respondendo a funções mais diversificadas e, sobretudo, de carácter económico (Gomes e Gomes, 2001; Gomes, 2003: 51-84).

Não são muito comuns, no *al-Andalus*, casas possuindo dois pisos, como contendo os dois sectores assinalados, tão bem demarcados e desenvolvidos, correspondendo, a cada um deles, diferentes tipos de espaços descobertos, o pátio e o jardim. Trata-se de inegáveis sinais de poder económico mas, de igual modo, de aspectos simbólicos, capazes de indicarem o elevado estatuto, sócio-político, cultural e ideológico, dos seus sucessivos proprietários, desde a sua fundação, que foi possível atribuir ao segundo quartel do século XII, até ao seu abandono e destruição, ocorridos ainda na primeira metade do século XIII, depois de fugaz ocupação cristã (Gomes e Gomes, 2001: 79).

O palácio principal do Castelo de Silves, encontrava-se a cota mais elevada em relação ao anteriormente referido. O acesso ao seu interior efectuava-se a partir da rua, antes mencionada, através de amplo vão, provido de portão com dois batentes. Deste modo acedia-se a grande pátio, com jardim e passeador, que teria a norte zona porticada antecedendo salão com alcova.

A nascente do pátio referido podia-se passar, através de três vãos, para as instalações sanitárias, complexo de banhos aquecidos e jardim, que apresentava, no lado sul, pequena zona coberta por telhado (Gomes, 2003: 85-107).

Este complexo de banhos, com tinas, possuía três áreas diferenciadas cujo ingresso se fazia através de uma única porta. A primeira daquelas correspondia à sala fria (*bayt al-barid*), outra aos banhos temperados (*bayt al-sajun*) e a última aos banhos quentes (*bayt al-wastani*).

O espólio exumado nestas áreas palatinas é numeroso e inclui grande quantidade e variedade de materiais cerâmicos, muitos deles decorados, com as superfícies brunidas, pintadas, esmaltadas, incisas, impressas ou esgrafitadas, além de outros objectos de vidro, osso, metal, numismas, relacionados com o quotidiano, tal como anéis, pulseiras, brincos, alfinetes de cabelo, fusos de tear, cossoiros ou elementos decorativos de móveis, entre outros (Gomes, 2003: 178-344).

Durante as escavações, exumaram-se testemunhos da conquista cristã da Alcáçova de Silves, nomeadamente esqueleto humano insepulto, balas de pedra, armas diversas e insígnias cristãs, como a que representa São Tomás Becket de Cantuária, outras pertencentes a besteiros ou de carácter heráldico.

Pontas de flecha e de virotes de besta, tal como diferentes elementos de armas, reflectem a violenta luta processada durante a conquista definitiva da alcáçova silvense (Gomes e Cunha, 1991: 429-437).

Promovemos a realização de análises aos macrorrestos vegetais, recolhidos na alcáçova, que evidenciaram a presença de árvores de fruto e ornamentais. Assim, reconheceu-se, nos jardins dos palácios, a videira (*Vitis vinifera*), alperceiro (*Prunus* cf. *P. armeniaca* L.), romãzeira (*Punica granatum* L.) e a amendoeira (*Prunus* cf. *P. dulcis*), entre outras espécies.

Tem vindo a ser efectuado o estudo de toda a fauna recolhida, assim como dos espólios osteológicos humanos exumados (Antunes, 1991: 41-74; Antunes, 1997: 269-277; Gomes, 2002: 70, 71, 73, 75; Gomes e Cunha, 1991: 29-37; Gomes e Cunha, 1991a: 151-165; Gomes *et al.* 1994: 203-212). Também se realizaram quinze datações, pelo método do radiocarbono, que confirmaram a cronologia atribuída aos diferentes níveis estratigráficos, entre o século VIII e o século XIII (Gomes, 2002: 50).

3. Acompanhamento Arqueológico – 2003-2007

Apesar das condicionantes anteriormente mencionadas, identificámos, durante estes trabalhos, os mais antigos testemunhos arquitectónicos, por ora, existentes no Castelo de Silves. Estes assentavam

sobre o substrato rochoso e estão documentados, no seu lado norte, através de restos, muito deteriorados, de estrutura basilical (Fig. 3). Esta encontrava-se reduzida a sectores dos seus alicerces, dado o seu desmantelamento e sobreposição por edificações muçulmanas ulteriores ou por silos. Todavia, reconhecemos parte da abside e troços de paredes da nave. Por certo pertenceram àquele edifício, orientado para nascente, fragmentos de colunas e as suas bases, de ábacos ou de lajes de mármore, encontrados reutilizados nos espaços habitacionais islâmicos, tal como capitel, caracteristicamente visigótico.

Remonta ao início da permanência muçulmana, em Silves, forte dispositivo defensivo, reconhecido na zona central da actual fortificação. Erguido em taipa militar, possuía planta de forma subquadrangular e assentava no substrato rochoso (Fig. 4). Dele perviveram sectores das paredes, com

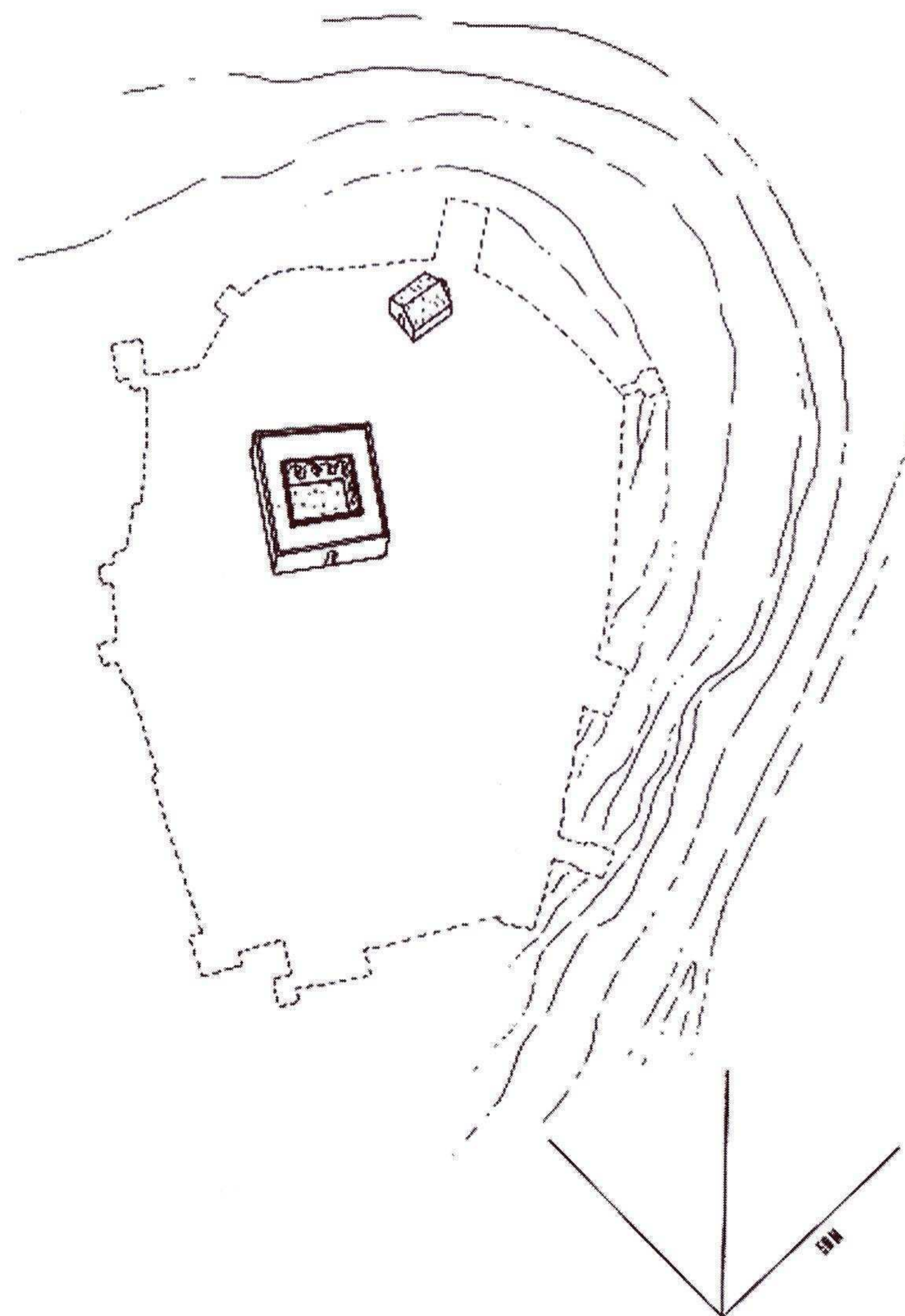


Fig. 3 – Castelo de Silves – Representação gráfica de estrutura basilical e da mais antiga fortificação islâmica (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

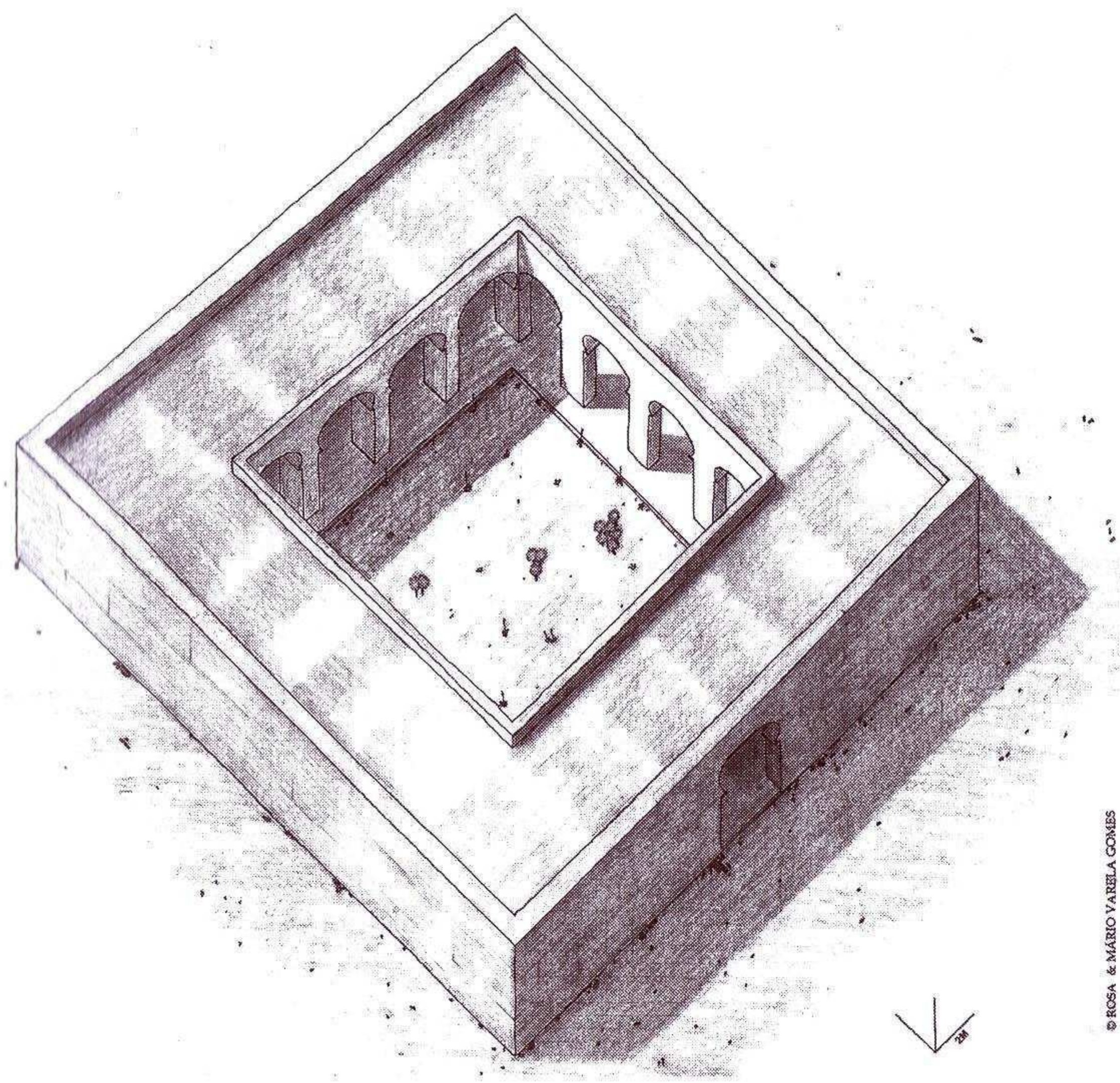


Fig. 4 – Castelo de Silves – reconstituição gráfica da mais antiga fortificação (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

cerca de 12 m de comprimento, situadas a nascente e a norte, formando canto, assim como parte de quatro dos pilares, de secção rectangular, que integravam pórtico interior.

Constitui o mais antigo palácio fortificado, por ora, ali identificado e trata-se de construção, com clara influência oriental, que, a nosso ver, tentava reproduzir, em território recentemente ocupado por comunidade muçulmana, os palácios fortificados, omíadas, erguidos nos inícios do século VIII, tanto na Síria como na Jordânia, denunciando influências da arquitectura militar bizantina (Stierlin, 1997: 65-68).

Será contemporâneo, do palácio fortificado mencionado, raro conjunto de cerâmicas importadas do Médio Oriente, possivelmente fabricadas nas oficinas de Susa, Sirjan ou Khurasan, tal como outras magrebina, representadas por peças produzidas com pastas de boa qualidade, decoradas através de bandas reticuladas ou de conjuntos de zigzagues pintados, reflectindo o requinte das sociedades ali instaladas, e ainda outras de produção autóctone (Gomes, 1995: 21-31). Estas peças foram por nós exumadas durante as primeiras intervenções no Castelo de Silves, integrando a camada mais profunda (C8) onde as interpretámos como “o resultado de entulhos com materiais vários, utilizados em nivelamento que regularizasse zona de encosta, criando-se esplanada e possibilitando a edificação

de construções, durante os finais do século IX e os começos da centúria seguinte (C6).” (Gomes, 2003: 480); aspectos que viríamos a confirmar durante o acompanhamento arqueológico.

Estudo efectuado a partir da análise da planta da actual fortificação permitiu verificarmos que, em uma primeira fase, aquela remontaria ao século X (Gomes, 2003: 140-143).

Tal cronologia foi confirmada, durante as últimas intervenções realizadas na zona sul, com a identificação, junto da segunda porta da entrada principal do Castelo, de sector de muralha califal. Esta encontrava-se sob a actual muralha e associada a numeroso material arqueológico constituído, maioritariamente, por cerâmicas do século X (Fig.5).

Aquele espólio inclui recipientes, produzidos com pastas de cores claras ou vermelhas, possuindo as superfícies vidradas e, em particular, peças esmaltadas, de cor branca, contendo decoração, nas cores verde e castanha ou negra, de carácter geométrico, fitomórfico, zoomórfico ou leteriforme, pertencentes à classe das consideradas como tendo sido produzidas em Medinat-az-Zahra ou sob a influência da corte califal ali instalada.

As cerâmicas referidas são contemporâneas de outras exumadas em estratos do interior de área palatina e para os quais dispomos, também, de confirmação cronológica através de análises de 14 C.

Ao Castelo de Silves anda indissociável o nome do rei-poeta *al-Mutamide* que, na “*Evocação de Silves*” recorda, com saudade, o seu “Palácio das Varandas” e os tempos ali passados. Desta construção, do século XI e situada no quadrante sudeste do Castelo, sob palácio almorávida-almóada, conhecíamos, apenas, fragmentos de compartimentos, muito destruídos. No entanto, as últimas intervenções permitiram sondar um dos seus salões e recuperarmos estuques ricamente decorados.

Pertencem ao “Palácio das Varandas” fragmentos de arcarias, de estuque, decoradas através de incisões e de pinturas, nas cores negra, azul turquesa, vermelha escura e laranja, assim como elementos ornamentais de parede, contendo motivos de carácter epigráfico, fitomórfico e geométrico, pintados nas cores mencionadas. Aspectos arquitectónicos similares podem ser observados na Aljaferia de Saragoça, de igual modo atribuídos ao

século XI (Martín-Bueno *et al.*, 1987: 99; Martín-Bueno *et al.*, 1999: 258).

Tal como já tínhamos verificado, o último nível de ocupação muçulmana do Castelo é o melhor conservado. Prossequimos com a escavação no palácio que pertenceria ao governador do território de Silves, onde pusémos à vista sector de pátio, porticado, através do qual se acedia a salão com alcova (Fig. 6).

Identificámos nas zonas norte, sul e, em particular, noroeste, da alcáçova, conjunto de casas, cujas divisões se organizavam em torno de pátios, com jardim, que constituíam o centro do sector privado da casa, funcionando como elemento de ligação entre os seus diferentes compartimentos (Fig. 7). Estes espaços habitacionais poderiam ter sido ocupados pelas tropas ali instaladas, e pelos seus familiares, ou pelos funcionários dos palácios, tal como se verifica em distintas alcáçovas contemporâneas, designadamente nas de Málaga ou de Granada (Fernández-Puertas, 1995: 255-267; Torres Balbás, 1970: 245).

A análise morfológica que efectuámos à primeira porta da entrada do Castelo de Silves indicava, quando comparada com outras portas de fortificações similares, que poderia estar soterrada cerca de 0,50 m. Este aspecto foi agora comprovado, dado que se identificou, àquela profundidade, o pavimento muçulmano primitivo, contemporâneo da fase final de tal ocupação (Gomes, 2003: 142-145).

No âmbito dos trabalhos que temos vindo a mencionar, encontrámos, no sector poente, os testemunhos arquitectónicos da alcaidaria de Silves e que se encontrava, apenas, registada documentalmente (Fig. 8).

A alcaidaria apresenta planta de forma sub-rectangular alongada, adossada ao pano interior da muralha situada a poente e dela subsistem ruínas de sector do piso térreo, parte de escada que daria acesso a piso superior, contando-se, por ora, sete compartimentos. Também mostra dois lances de escada, que permitiam o acesso ao adarve e, no interior de um dos compartimentos, recuperámos elementos de arcaria, de grés vermelho, que formariam arco ogival, pertencente a portal (Fig. 9). Em outro compartimento,



Fig. 5 – Castelo de Silves – Foto de sector de muralha do século X (foto Carla Estrela).

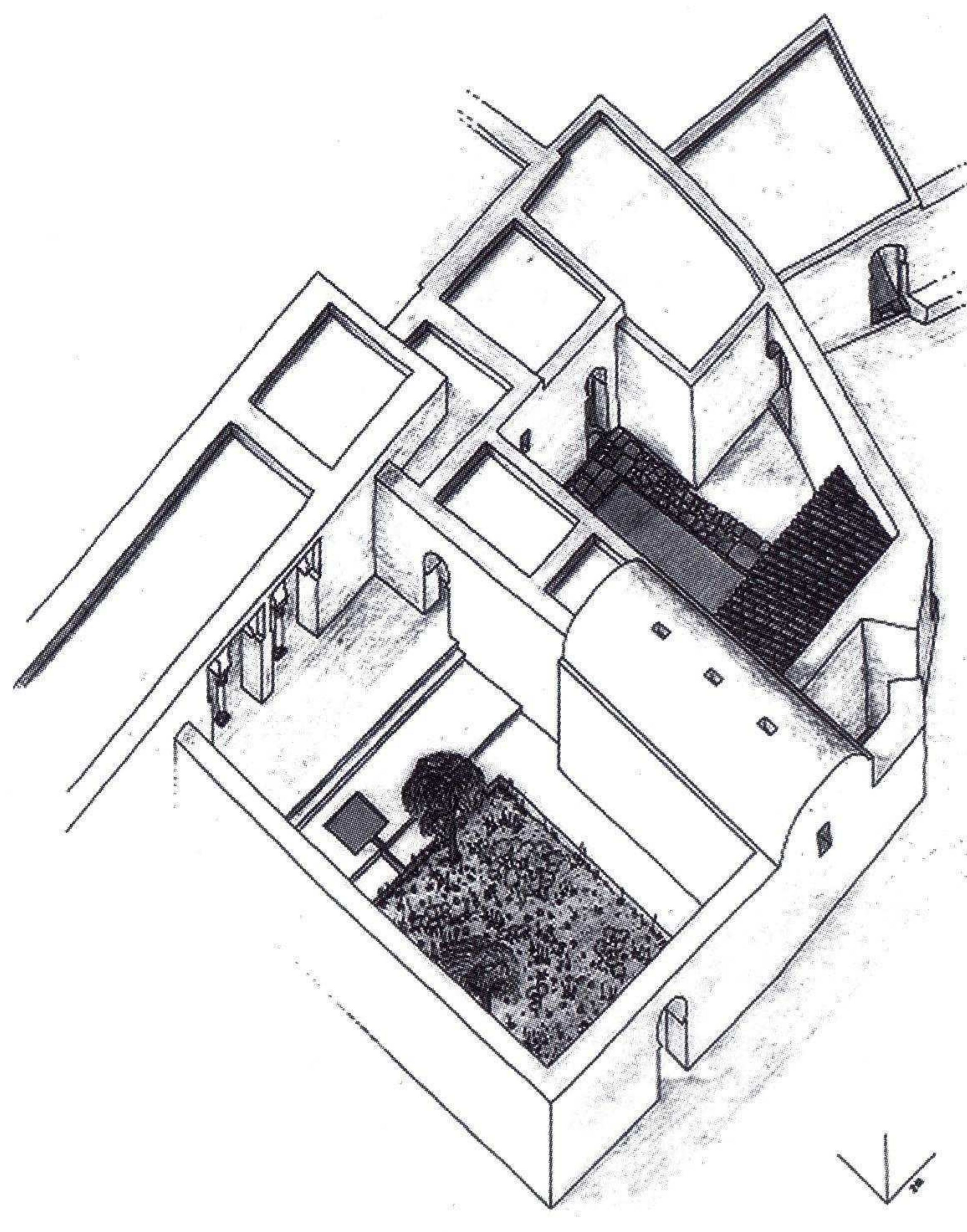


Fig. 6 – Castelo de Silves – Reconstituição gráfica de sector do palácio do governador (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

reconheceram-se os restos de abóbada de pedra, tombada sobre o solo.

No lado norte da alcaidaria identificámos compartimento, onde pusémos à vista testemunhos de sistema de prensagem, assente sobre restos de pavimento muçulmano, que atribuímos a engenho

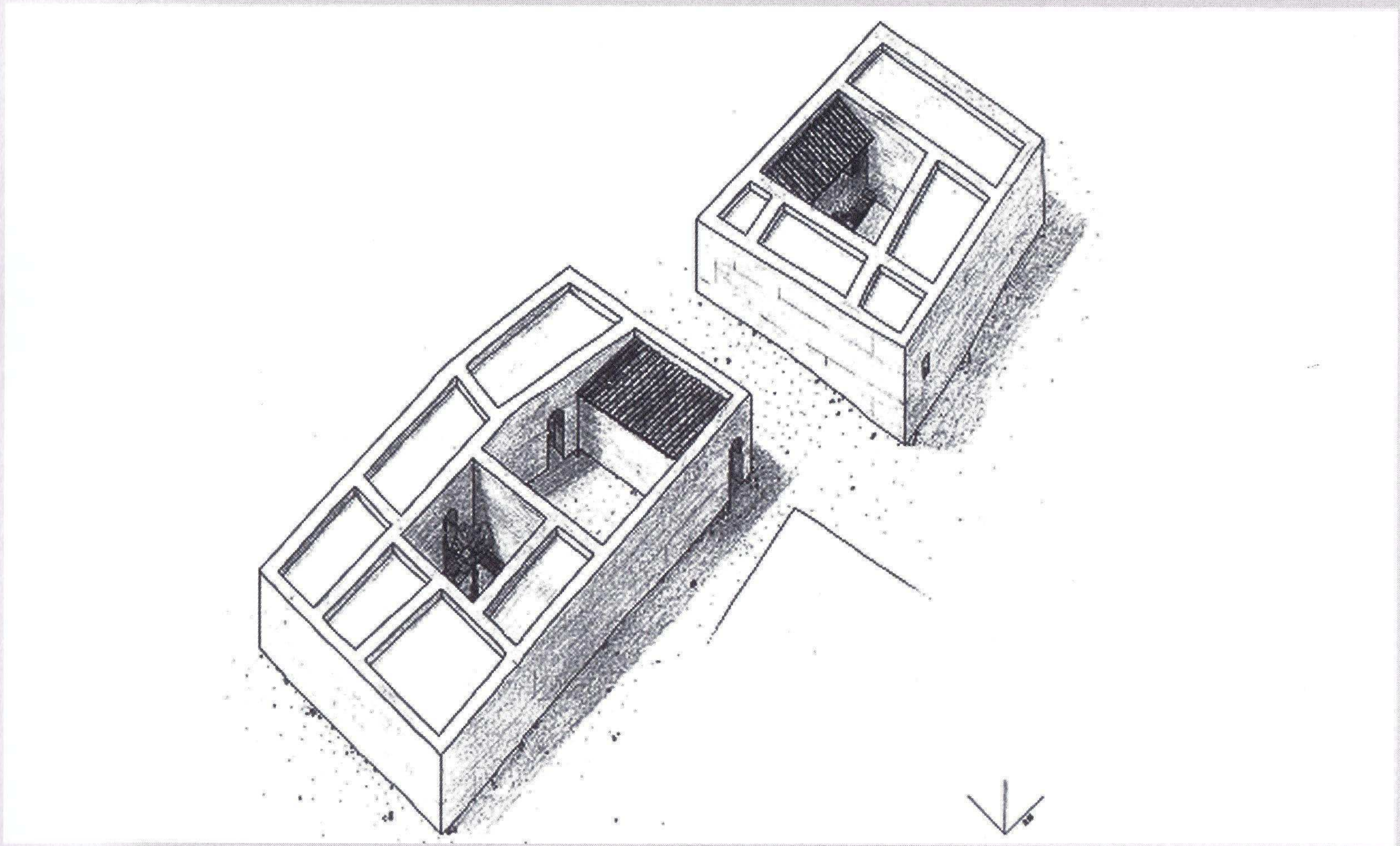


Fig. 7 – Castelo de Silves – Reconstituição gráfica de casas islâmicas (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

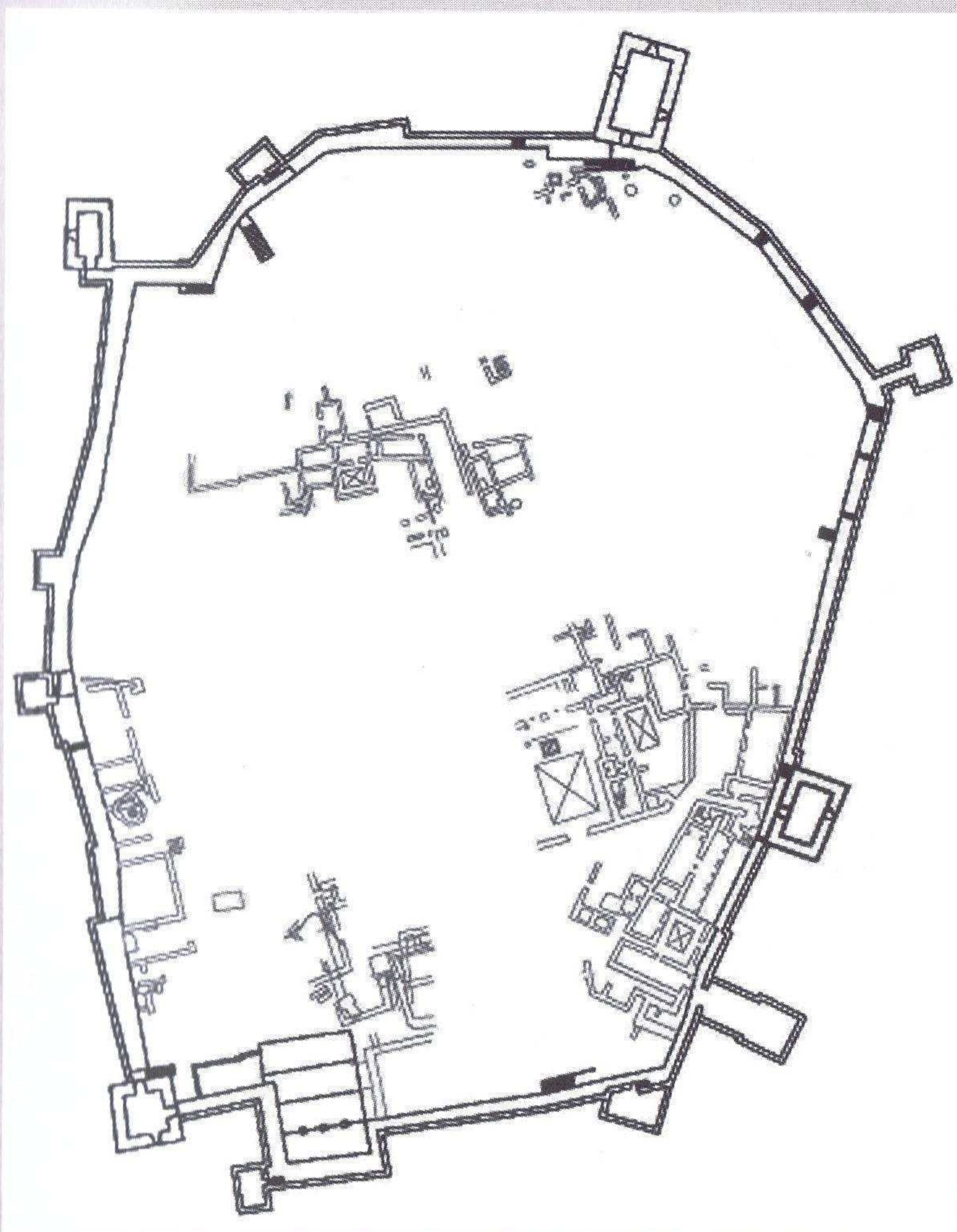


Fig. 8 – Castelo de Silves – Planta esquemática dos sectores intervencionados (seg. Rosa e Mário Varela Gomes).

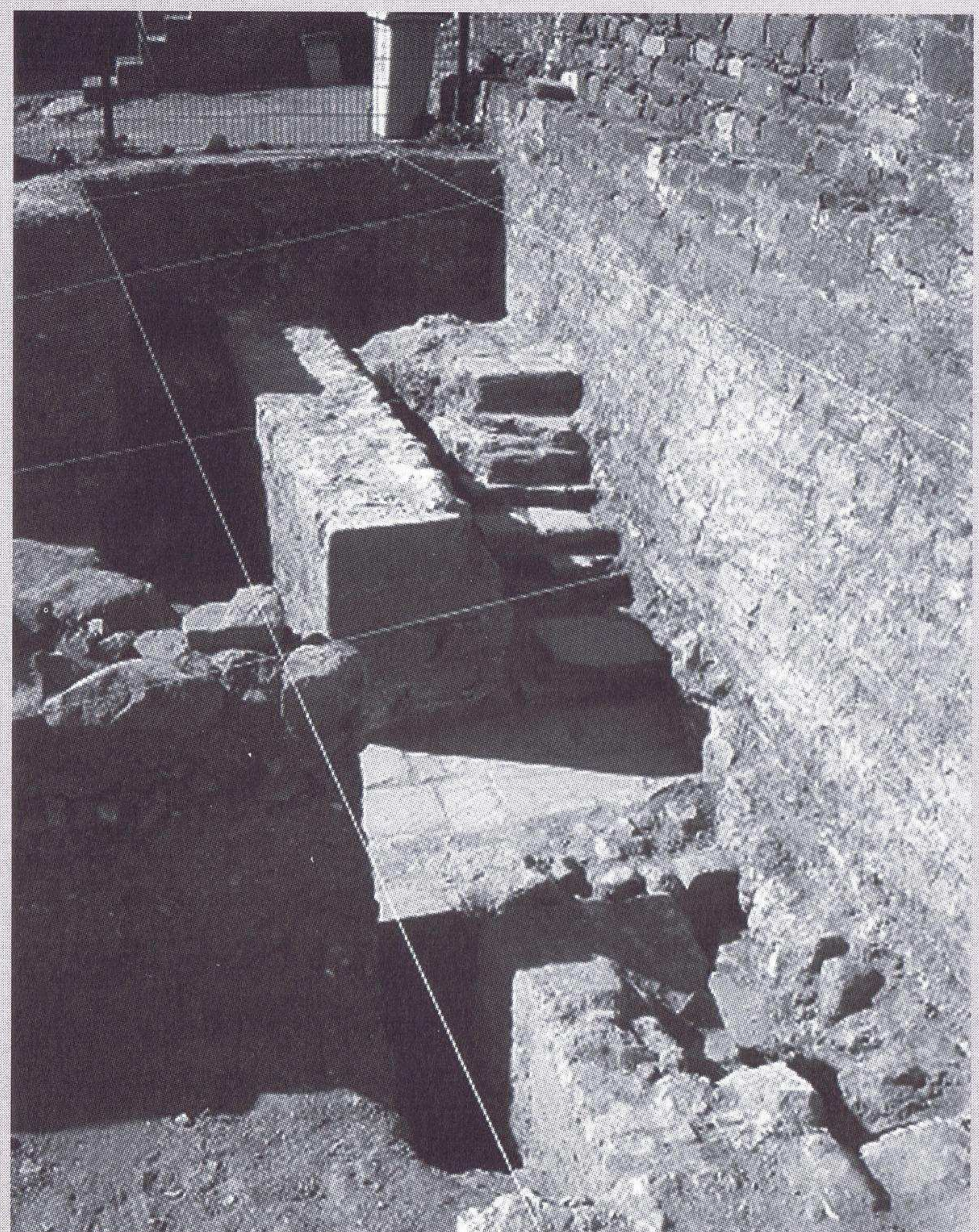


Fig. 9 - Castelo de Silves – Imagem de sector da alcaidaria (foto Carla Estrela).

de açúcar, movido através de tracção animal.

A alcaidaria prolongava-se para nascente e integrava, eventualmente em pátio interior, a denominada Cisterna dos Cães, que providenciava a tão necessária água à manufactura mencionada.

De facto, só a produção de algo tão valioso como o açúcar e o controlo efectivo da sua produção, poderia justificar a presença daquele equipamento a funcionar no interior do Castelo e junto da alcaidaria. Engenhos de açúcar similares foram reconhecidos, também, em escavações arqueológicas realizadas em Chipre, no arqueossítio de Couvoucle-Stavros, datado dos finais do século XIII, ou no designado Castello de Piscopia, já da centúria seguinte e localizado, de igual modo, junto a área palatina (Wartburg, 1995: 89, 96).

A importância desta descoberta relaciona-se com o facto de um dos mais importantes vultos da Expansão Portuguesa, o Infante D. Henrique, ter não só sido alcaide-mor de Silves, como se sabe ter estado ligado à produção açucareira do Algarve e da Madeira.

A abóbada acima referida indica que a alcaidaria terá sido destruída devido a cataclismo, quiçá o terramoto ocorrido, em 1587, no Algarve.

Durante o acompanhamento arqueológico cujos resultados apresentámos, resumidamente, além das estruturas identificadas recolhemos, como era de esperar, numeroso e diversificado espólio que integrava a estratigrafia anteriormente reconhecida, pertencendo, a grande maioria, à fase final da ocupação muçulmana. Exumámos peças similares a outras descobertas neste espaço e já publicadas, que integraram o quotidiano dos residentes e exemplares que, pela forma e decoração, constituem novidade nestes contextos, designadamente alambique ou alcatruzes vidrados.

As novas descobertas incluem conta de ouro, fecho de cinturão, de bronze e decorado com motivos fitomórficos, ferragens de pequenos móveis, frascos de perfume, dois apitos de osso e, em particular, peças de cerâmica, tanto de produção peninsular como importadas das oficinas, iranianas e egípcias, do século XII.

O espólio contemporâneo da alcaidaria não é, por ora, numeroso sendo constituído, maioritariamente, por cerâmicas com as superfícies

esmaltadas, importadas das oficinas sevilhanas e valencianas, outras vidradas, a par de loiça comum, com pastas e superfícies de cores vermelha, laranja ou castanha, mas, também, por objectos metálicos e de osso, assim como por numismas, das I e II Dinastias.

Os artefactos exumados, em fase de restauro, irão integrar a musealização das torres do Castelo de Silves.

Síntese

O Castelo de Silves, no decorrer das investigações que ali temos vindo a realizar, revelou-se como local ímpar, no actual território português, para o estudo tanto das sociedades islâmicas e islamizadas, como para as alterações ocorridas após a Reconquista Cristã e até à Idade Moderna.

O seu estado de conservação, a par dos testemunhos arqueológicos ali identificados, faz com que constitua uma das mais importantes fortificações islâmicas da Península Ibérica.

Cercado por forte dispositivo defensivo, integrando espessa muralha, torres adossadas e albarrãs, provido de água e de cereais, o Castelo de Silves encontrava-se, na primeira metade do século XIII, preparado para resistir a cercos prolongados, o que nos conduziu a podermos classificar esta fortificação como uma verdadeira cidadela-celeiro.

O acompanhamento arqueológico que efectuámos, nos últimos anos, permitiu confirmar propostas de trabalho, muitas delas então baseadas em paralelos com outras fortificações contemporâneas, melhor compreender a dinâmica da evolução daquele espaço e, em particular, identificar importantes testemunhos de quotidianos das Idades Média e Moderna.

Na cidade de Silves, e na sua alcaidaria, residiu o Infante D. Henrique, assim como importantes vultos da sua Casa e que estiveram ligados à Expansão. Ali escreveu Gomes Eanes de Zurara a “Crónica da Conquista de Ceuta”, e de Silves seria Diogo de Silves, descobridor dos Açores. Ulteriormente, confirmando a importância daquela cidade e da sua alcaidaria, D. Sebastião ficou nela instalado, em 1573, quando do seu périplo por terras do Algarve.

Bibliografia

- Antunes**, M.T. (1991) - «Restos de animais no Castelo de Silves (séculos VIII-X). Contributos para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico», *Estudos Orientais*, Lisboa, 2, p. 41-74.
- Antunes**, M.T. (1997) - «Arqueozoologia medieval em Silves», *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 11-12, p. 269-277.
- Fernández-Puertas**, A. (1995) - «Alhambra: Urbanismo del barrio castrense de la Alcazaba» *Casas y Palácios de Al-Andalus- Siglos XII-XIII*, Lunwerg Editores, Madrid, p. 255-267.
- Gomes**, M.V. e Gomes, R.V. (2000) - «Numismas de Aragão, Leão e Castela, procedentes de contextos arqueológicos de Silves» *Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática - V Congresso Nacional*, Associação Numismática de Portugal, Lisboa, p. 249-261.
- Gomes**, R.V. (1988) - «Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves», *Xelb*, Silves, 1, 294 p.
- Gomes**, R.V. (1989) - «A arquitectura militar muçulmana», *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Ed. Alfa, Lisboa., p. 27-37.
- Gomes**, R.V. (1990) - «Resultados da última campanha de escavações arqueológicas no Castelo de Silves», *Encontro de Arqueologia no Algarve*, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro, pp. 137-151.
- Gomes**, R.V. (1991) - «Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do Castelo de Silves (peças esmaltadas policromas e de reflexo metálico)», *Estudos Orientais*, II, p. 13-39.
- Gomes**, R.V. (1991a) - «Cerâmicas almóadas do Castelo de Silves», *Actas do IV Congresso Internacional - A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, p. 387-404.
- Gomes**, R.V. (1993) - «Fragmento de placa insculpada do Castelo de Silves», *Arqueologia Medieval*, Porto, 2, p. 79-83.
- Gomes**, R.V. (1993a) - «A cidade muçulmana», *A Cidade II*, Universidade Aberta, Lisboa, p. 27-54.
- Gomes**, R.V. (1994) - «Silves islâmica e o encontro de culturas», *Judeus e Árabes da Península Ibérica, Encontro de Religiões, Diálogo de Culturas*, Centro Nacional de Cultura, Lisboa, p. 157-160.
- Gomes**, R.V. (1995) - «Cerâmicas muçulmanas de Silves, dos séculos VIII e IX», *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, p. 21-34.
- Gomes**, R.V. (1995a) - «Cerâmicas medievais do Sul de Portugal. Qual o Estado da Questão?» *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, p. 287-296.
- Gomes**, R.V. (1995b) - «Fragmento de placa insculpada do Castelo de Silves», *Estudos de Arte e História, Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, Ed. Veja, Lisboa, p. 306-311.
- Gomes**, R.V. (1997) - «Silves e a ocupação muçulmana do Algarve», *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 11-12, p. 249-267.
- Gomes**, R.V. (1998) - «O Barlavento Algarvio nos finais da islamização», *Portugal Islâmico, Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, p. 133-142.
- Gomes**, R.V. (1998a) - «Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a "verde e castanho" de Silves», *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela, p. 43-55.
- Gomes**, R.V. (1999) - «*Silves, (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus – Arqueologia e História (Séculos VIII-XIII)*», Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia, F.C.S.H., da Universidade Nova de Lisboa, 1750 p.
- Gomes**, R.V. (2002) - «Silves, (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus- Território e Cultura», *Trabalhos de Arqueologia*, 23, Lisboa.
- Gomes**, R.V. (2002a) - «O século XX e a arqueologia muçulmana em Portugal», *Arqueologia e História*, 54, Lisboa, p. 203-220.
- Gomes**, R.V. (2002b) - «Silves islâmica», *O Mediterrâneo Ocidental - Identidades e Fronteiras*, Edições Colibri, Lisboa, p. 93-118.
- Gomes**, R.V. (2002c) - «Estruturas defensivas medievais de Silves», *Mil Anos da Fortificações na Península Ibérica, Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*, Edições Colibri, Lisboa, p. 325-336.
- Gomes**, R.V. (2003) - «Silves, (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus- A Alcáçova», *Trabalhos de Arqueologia*, 35, Lisboa.

- Gomes, R.V.** (2006) - «Silves, (Xelb) – Uma Cidade do Gharb Al-Andalus- O Núcleo Urbano», *Trabalhos de Arqueologia*, 44, Lisboa.
- Gomes, R.V.** (2008) - «La vie quotidienne au château de Silves (Algarve, Portugal) XII^e–XIII^e siècles», *Le Château au Quotidien – Les Travaux et les Jours*, Diffusion De Boccard, Paris, p. 47-60.
- Gomes, R.V.** et al. [Cunha, A.S.] (1991) - «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da Alcáçova de Silves». In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 29-37.
- Gomes, R.V.** et al. [Cunha, A.S.] (1991a) - «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da Alcáçova de Silves», *Boletín de Arqueologia Medieval*, Madrid, 5, p. 151-165.
- Gomes, R.V.** et al. [Cunha, A.S.; Antunes, M.T.] (1994) - «Testemunhos arqueológicos da conquista cristã da Alcáçova de Silves, em 1189». In *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 203-212,
- Gomes, R.V.** e Gomes, M.V. (1990) - «Dispositivos defensivos de Silves (Algarve, Portugal)», *Moçárabe em Peregrinação a S. Vicente*, Ed. Caminus, Lisboa, p. 59-66.
- Gomes, R.V.** e Gomes, M.V. (1992) - «Dispositivos defensivos de Silves (Algarve, Portugal)», *Actas do III Congreso de Arqueologia Medieval Española*, II, Universidade de Oviedo, Oviedo, p. 287-295.
- Gomes, R.V.** e Gomes, M.V. (1997) - «Placas apotropaicas do Castelo de Silves», *Estudios Orientais*, VI, p. 141-150.
- Gomes, R.V.** e Gomes, M.V. (2000) - «Bocal de poço islâmico de Silves – Uma leitura possível», *Estudios Orientais*, VII, p. 129-150.
- Gomes, R.V.** e Gomes, M.V. (2001), *O Palácio Almoada da Alcáçova de Silves*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- Martín-Bueno, M.** et al. [Lacabe, R., E.; Preciado, M.P.S.], (1987) - *La Aljafería Investigación Arqueológica*, Saragoça.
- Martín-Bueno, M.** e Preciado, J. C.S. (1999) – «Los materiales arqueológicos» *La Aljafería*, II, Cortes de Aragon, p. 251-300.
- Stierlin, H.** (1997) – *Islão de Bagdade a Córdoba – A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*, Lisboa.
- Wartburg, M-L.,von** (1995) – «Desing and technology of the medieval refineries of sugar cane in Cyprus. A case of estudy in industrial archaeology», *Paisajes del Azucar*, Diputación Provincial de Granada, Granada, p. 81-116.
- Torres Balbás, L.** (1970) – *Ciudades Hispano-Musulmanas*, Madrid.